

Base para a retomada sustentável (1)

Zhao Jianqiang

Entre as muitas dúvidas que pairam a respeito da tão esperada retomada econômica pós-pandemia, algo é certo: ela precisa ser limpa e renovável. Da crise que vivemos, surge a oportunidade de reavaliar processos e achatar a curva climática, conforme anunciou a recente capa da revista “The Economist”. Neste contexto, a opção por fontes de energia limpa e renovável ganha destaque. Se a geração de eletricidade tem sido essencial para ajudar o país a atravessar a pandemia mantendo em funcionamento hospitais, trabalho remoto, outras atividades e algum entretenimento, será essencial que, daqui em diante, a escolha das fontes dessa energia seja feita de forma consciente.

A importância de fontes com menores impactos ambientais é cada vez mais disseminada entre empresas e consumidores, mas cabe aqui uma reflexão crucial sobre o balanceamento dessas fontes na matriz elétrica nacional. Em um país com abundância de recursos, como o Brasil, o prognóstico parece favorável. Porém, existe um risco surpreendente que pode levar ao crescimento de fontes poluentes no mercado nacional, comprometendo a sustentabilidade no longo prazo. Assim como aprendemos com a pandemia, o mundo opera de forma sistêmica e ações em determinados locais têm efeitos diretos sobre todo o resto do planeta. O mesmo ocorre com a geração de energia elétrica.

O desenvolvimento expressivo das energias eólica e solar no país é bastante positivo para a construção de uma economia de baixo carbono, mas é necessário que elas atuem de forma equilibrada e complementar à energia hidrelétrica, para que o objetivo seja efetivamente alcançado. Caso contrário, por serem fontes intermitentes e de armazenagem ainda complexa, seu crescimento na matriz tende a trazer instabilidade à geração de energia. Um possível efeito colateral seria o aumento do uso de usinas termelétricas que, além de poluentes, são mais caras. Isso significa que, quanto maior for a participação de fontes intermitentes na matriz elétrica nacional, mais relevante torna-se o papel das hidrelétricas, que atuam como grandes baterias naturais de energia limpa e renovável, podendo ser acionadas sempre que necessário, em harmonia com a geração eólica e solar, além da biomassa e das termelétricas a gás natural, que também têm papel relevante na matriz nacional.

Segundo a Agência Internacional de Energia (AIE), há uma necessidade crescente de reduzir a geração de fontes intermitentes nos Estados Unidos, no Reino Unido e em outros países em períodos de demanda em declínio, o que levantou a discussão sobre a relevância de incentivar o desenvolvimento de armazenamento de energia de longa duração. Neste sentido, o Brasil tem grandes oportunidades de aprimorar sua forma de trabalhar com usinas hidrelétricas e viabilizar sua contribuição para a retomada econômica sustentável, a partir do intercâmbio de conhecimento com outros países.

A modernização de equipamentos e processos nas hidrelétricas é um passo importante, que já tem sido observado em grandes operações no país. Em Jupia e Ilha Solteira, por exemplo, a CTG Brasil iniciou a modernização em 2017, com investimento total previsto de R\$ 3 bilhões até 2027. Mas, para que todas as empresas responsáveis pelas concessões de hidrelétricas no país consigam manter as usinas

devidamente modernizadas, cuidando da eficiência e segurança nas operações, é necessário haver estímulo para que isso aconteça até o fim do prazo de concessões.

É importante que os envolvidos na cadeia de geração de energia busquem a criação de mecanismos de compensação, que remunerem os investimentos feitos pela empresa anteriormente responsável pela usina, que poderiam ser amortizados pela próxima empresa escolhida para um novo período de concessão.

O país tem, ainda, a oportunidade de avaliar o uso de novas tecnologias que potencializem a geração hidrelétrica e permitam que ela atue de forma complementar às demais fontes renováveis em um cenário de aumento de fontes intermitentes na matriz, como previsto pelo Plano Decenal de Expansão de Energia 2029, da Empresa de Pesquisa Energética (EPE). Um exemplo bem-sucedido em países como China, Estados Unidos, Japão e França é a tecnologia de usinas hidrelétricas reversíveis. Neste formato, as usinas operam com dois reservatórios posicionados em alturas diferentes. À noite, quando a demanda por energia é tipicamente mais baixa, a água é bombeada para o reservatório superior. Esse volume é, então, utilizado para gerar eletricidade nos horários de maior demanda, ao longo do dia seguinte, principalmente quando as fontes eólicas e solares não puderem realizar essa entrega, empregando, assim, uma maior eficiência.

Por fim, vale observar que o incentivo às fontes de energia limpa também contribui com o desenvolvimento econômico. Em seu recente relatório Global Renewables Outlook, a Agência Internacional de Energia Renovável (IRENA) afirmou que 850 GW de capacidade hidrelétrica recém-instalada serão necessários até 2050 para ajudar a alcançar a redução de carbono pactuada no Acordo de Paris. Ainda segundo a IRENA, esse movimento deve gerar 600 mil empregos nos próximos dez anos. A energia limpa será o motor do mundo mais resiliente que desejamos para depois da crise. Por isso, é preciso ficar claro que energia limpa é aquela que movimenta a economia ao mesmo tempo em que reduz os impactos das emissões de gases poluentes, culminando em um ambiente mais sustentável para todas as partes e pessoas envolvidas.

A visão sistêmica necessária para entender esse conceito é fundamental e deve ser construída de forma conjunta, unindo cada vez mais esforços proativos do setor privado e do governo. Essa é a fórmula de sucesso que pode levar o país em direção a uma retomada sustentável.

Zhao Jianqiang é presidente da CTG International e da CTG Brasil

(1) Artigo publicado no jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/base-para-retomada-sustentavel-24599398>. Acesso em 24 de agosto de 2020.